ANO 3.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1923 N.º 687

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O ETNA, de vez em quando, ainda lança as suas torrentes de lava, como a que ha três dias caminhou para Linguaglossa.

Acalmará de vez a sua furia?

Esta pergunta não obtem resposta segura.

Os sabios acreditam na sua sciencia mas desconfiam do vulcão. Este comporta-se de uma maneira a justificar muitas inquietações.

No dia em que ele descance, como um leão dormente, não faltará quem diga:

—«Confirmam-se as minhas previsões.. O Etna regressou ao seu velho torpor.»

A vida recomeçará nas aldeias e cidades que a lava molestou e, dentro dum periodo mais ou menos longo de trabalhos e confiança, os fados, sempre misteriosos e sombrios, traçarão os itinerarios da futura catastrofe.

* * *

AS estatisticas mostram que em França morrem anualmente 80.000 crianças, na sua maioria por falta de recursos e cuidados higienicos.

Apenas isto se soube, logo se começaram a organizar festas e espectaculos, afim de obter recursos para salvar os inocentes.

Como os franceses não pertencem á categoria dos povos prolificos, encontram assim um excelecente pretexto para aumentar a sua natalidade.

E' como se fossem pais duas vezes.

Não basta isto para os convencer de que se sacrificam pelo crescimento da sua população?

* * *

A RECITA de ontem á noite, no Politeama, ofereceu alguns episodios dignos de registo. Entre outros, este:

— Um rapaz de boa aparencia e grandes oculos redondos clamava, entusiasmado:

— «Autor!... Autor!...» —

Um espectador, que o primeiro acto de *O Lodo* irritara, voltou-se para ele e disse-lhe:

— «Cale-se, que o não posso ouvir...»

— «Tambem eu o não posso ver ao senhor e nem por isso lhe digo que se vá embora».—

* * *

O CORONEL Alexandre de Almeida Oliveira publicou ha dias uma especie de novela satirica — *O senhor Seixas*. Pouco nos importa saber se é um mero produto da sua fantasia ou se ha nela qualquer referencia a pessoas e a factos do seu conhecimento. Seja como for, *O senhor Seixas* vem demonstrar-nos que o seu autor, apesar de desabrochar tardiamente para a literatura, nem por isso deixa de revelar dotes excelentes.

* * *

ALEIXO Ribeiro, no seu livrinho—*Claustro de Simbolos* distancia-se um pouco do sentido vulgar das coisas, a fim de buscar significados misteriosos, inacessiveis á turba, para os cuidados do seu coração.

Embora reconheçamos que é vitima das palavras que ele toma como realidades em si, enigmas dos enigmas que busca, temos o maior prazer em declarar que nalguns dos seus poemas existe poesia—da verdadeira.

* * *

NUMA terra do norte, um ricaço deu um bodo aos pobres, mas tão abundante que alguns sentiram-se indispostos. Comentario dum oficial do registo civil, má lingua e democratico:

—«Quem assim banqueteia a pobreza merecia ser apedrejado... por caridade.»

O PAÍS

E' inegavel que existe hoje em Portugal um espirito de iniciativa e acção muito superior ao que se manifestava, tão timidamente, antes da guerra.

Por toda a provincia, as questões economicas, no seu aspecto regional, revestem-se duma importancia que era privilegio, outrora, das pugnas eleitorais.

No comercio, na industria, na agricultura e no trabalho, notam-se sintomas de vida que ha dez anos ninguem previa nem julgava possiveis.

Isto quere dizer que, ao contrario do que muitos pensam e pregam, nós não estamos num declinio, mas sim numa fase de renovação a que não faltam os problemas e os conflitos de ambições, a guardando a hora propicia de se resolverem.

Torna-se indispensavel, porém, que as paixões percam o seu caracter de intransigencia e que os odios abrandem a sua furia fanatica.

A tolerancia é uma das maiores virtudes da democracia.

Importa, portanto, que aprendamos a respeitar-nos uns aos outros, sem que ahdiquemos do culto dos nossos principios e do livre exercicio das nossas liberdades.

O jacobinismo, de qualquer côr e inspiração que ele seja, corresponde sempre o um periodo de injustiça na critica e no reconhecimento dos meritos e aptidões.

A nossa crise não comporta palavras nem gestos destoantes, porque exige, sobretudo, um acôrdo de vontades e esforços, de pensamentos e actos, em convergencia para o bem comum.

Forçosamente havemos de ser menos idealistas que realistas, mais laboriosos que retoricos.

Antigamente, a biografia dum homem, tido ou aclamado como ilustre, fazia-se como um exercicio de estilo, em que tudo se sacrificava á forma, á imagem brilhante, ao periodo sonoro.

Hoje não é já assim: a eloquencia, para que seja aceitavel e prenda os auditorios, não pode dar-nos somente miragens e espumas, visto que, nas turbas, existe um sentimento das realidades que não se compadece com mirabolancias tribunicias.

Oradores que agora se encontram mudos, como chafarizes onde a agua não canta, apesar do rumor festivo que os acompanhava dantes, compreenderam a tempo que a sua hora passou.

Res et non verba—é a divisa da epoca.

A' proporção que se calam os amotinadores—os que só viviam de perturbar a gente simples, irritando-lhe as cubiças, mas não lhe concedendo as necessarias satisfações—nós compreendemos, naturalmente, que Portugal necessita refazer-se pelo trabalho e pelo estudo, visto que as miragens e as mentiras não nos levam ao Paraiso.

No banquete de confraternisação

—O senhor vai falar em nome dos criticos ou dos autores dramaticos?
—Eu falo em nome dos empregados bancarios...

DE vez em quando agita-se em Lisboa o problema dos hoteis. Todos os assuntos em Portugal são um problema. Este dos Hoteis é o que se pode chamar um problema de luxo. A' roda deste assunto comesinho de albergue e hospedagem junta-se logo a questão da sumptuaria, de elegancia, do requinte, da beleza, da ultra-comodidade americana. Para certas pessoas, todos os palacios e grandes edificios, antigos ou modernos, tem apenas uma vantagem: poderem servir para hoteis.

E assim fala-se no Hotel do Castelo, no Hotel de S. Pedro de Alcantara, no Hotel do Palacio de Queluz, como se ha-de falar no Hotel do Palacio de Belem, do Palácio do Ramalhão, do Paço das Necessidades. Afinal tudo ficará como está. O destino das cidades não se força. Soturno, sombrio, caricatura do Ritz, negra sombra do Bragança, o Hotel chic de Lisboa teimará a ser, por simbolo, o Avenida Palace, como o cerebro de algumas pessoas bem intencionadas continuará a ser o grande Hotel dos muitos e variados sonhos de turismo, desta melancolica Lisboa, eternamente seculo XVIII.

* * *

A TOLERANCIA na recita unica do *Lodo*. Um espectador representativo:

—Aqueles senhores vieram cá só para patear.

O sr. Matos de Sequeira:

—E os senhores vieram cá só para aplaudir.

Um antigo critico, espirito curioso, boemio regenerado:

—Não sei se hei-de patear se hei-de dar palmas. Qualquer das atitudes faz-me correr o risco de ir para casa de madrugada.

* * *

ESCREVE-NOS um leitor do *Diario de Lisboa*, prometendo desvendar-nos as manhas e artimanhas que têm sido empregadas por uma potencia visinha da nossa provincia de Angola, bem servida de dedicações em Lisboa, afim de se apoderar, com muito geito, duma faxa de terreno, na margem esquerda do Zaire, que é muito nossa.

Aguardamos as suas informações que estudaremos com socego e sob um ponto de vista bem nacional.

* * *

SEGUNDO se lê no *Correio da Manhã*, durante a sessão nocturna da noite passada, muitos deputados deixaram-se vencer pelo sono.

Não nos admiramos que assim fosse, pois ninguem é obrigado a ser superior ás suas forças. Acrescente-se que o sono dos parlamentares é, muitas vezes, a melhor maneira de tornar eficaz o trabalho dos que não dormem.

* * *

O DR. Alberto Xavier, secretario geral do Ministerio das Finanças e deputado da nação, que ainda ha pouco nos deu um excelente volume de critica e doutrina financeira—*Creditos e debitos internacionais*, fez imprimir o notavel discurso que proferir, na Camara, em 21 de março de 1923, sobre *O emprestimo e a circulação fiduciaria*.

* * *

JOSÉ Nunes da Mata que além de poeta e dramaturgo, é um homem de sciencia, enviou-nos dois folhetos — *Navegação aerea* e *Memoire descriptif d'un nouveau tipe d'Avion de terre et aussi de mer*.

A musica

Erik Satie e "Os Seis"

Não vai longe o tempo em que Lisboa, *a cidade de marmore e granito*, reclinada sobre as sete colinas do seu trono, abjurando de intelectualismos em arte, adormecia estonteada de sonho e de luar a ouvir, aspirando-o como um filtro, numa comovida evocação de edades mortas, o som romantico das guitarradas. A guitarra!... Toda alma da nossa raça passa a gemer nas vibrações maguadas desse instrumento em forma de coração, em cujas cordas dolentes pousaram outrora os mais aristocraticos dedos da velha nobreza de Portugal. A guitarra tem sido sempre, atravez dos tempos, a confidente intima das nossas aventuras, a voz comovida da nossa sensibilidade.

Que admira, pois, que Lisboa tenha sentido durante tanto tempo pesar sobre si como uma tara a saudade morbida pela voz chorosa das guitarras sob o luar de prata, fechando até por vezes a alma romantica ás sensações chocantes da musica menos ingenua?.. E isso lhe bastou durante largos anos, quando nos outros centros já as exigencias iam mais longe.

Nos ultimos tempos, porém Lisboa decidindo definitivamente entrar no convivio *raffiné* das nações civilisadas, tem aberto os braços á musica culta, possuindo em aturada actividade duas boas orquestras e um teatro lirico de gostos apurados e deixando-se envolver em verdadeiras ondas de musica onde já todas as novidades e modernismos são admitidos. Apenas uma *etape* não fôra vencida ainda: a apresentação de «Os Seis». Essa mesma acaba de ser. Ema Romero Santos Fonseca, uma das nossas mais talentosas e inteligentes cultoras da arte do canto, espirito invulgarmente ilustrado sob o ponto de vista musical, sentindo dentro da sua alma joven toda a ancia de expansão que leva sempre ao conhecimento dos horizontes largos e maravilhosos, decidiu fazer conhecer a um escolhido auditorio em sua casa algumas das mais audaciosas paginas desse simpatico grupo, cujas creações se é certo que para muitos, os tradicionalistas, não passam duma *blague* sem condições de resistencia nem probabilidades de aceitação para nós, os novos, os que sentimos dentro dalma todos os impulsos insofridos da juventude para o imprevisto e para o desconhecido, para nós, elas ficarão pelo menos como um gesto profetico e anunciador a apontar-nos o caminho radioso do futuro.

Nessa audição, que abriu por uma conferencia explicativa do actual movimento musical francês feita por quem subscreve este artigo, foram ouvidos trechos de piano e de canto de Erik Satie, o pai espiritual de «Os Seis» e de todos estes, a saber — Arthur Honegger, Darins Milhand, Georges Anric, Francis Poulenc, Louis Durey e Germaine Tailleferre.

A sua interpretação foi confiada nas partes de canto a Ema Fouseca, cuja voz sã e de admiravel maleabilidade parece ter nascido para as sonoridades modernas, e aos srs. Antonio Oliveira e Pedro do Canto e Castro que se afirmaram duas decididas vocações para este genero de musica. Os numeros de piano ficaram a cargo da ilustre amadora, sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedrosa, cujo nome consagrado e enriquecido dos mais brilhantes pergaminhos artisticos, foi como que o de uma poderosa padroeira no meio daquele grupo de novos, e do joven e talentoso compositor Ivo Cruz, cuja obra é já uma das grandes esperanças para a Arte em Portugal bem como do autorizado e inteligente maestro Julio Silva.

Fara de programa, fez-se ouvir ainda Ivo Cruz, num numero da sua autoria, dum encantador impressionismo, bem como Ema Fonseca que nos deu ainda mais alguns numeros de canto de autores portugueses, entre eles José Henrique dos Santos, o insigne flautista que o nosso publico frequentador dos concertos sinfonicos bem conhece. E o sarau terminou por varias recitações dos insignes poetas D. Laura Chaves e sr. Alberto Bramão, assim como da modesta autora destas linhas.

Oliva Guerra

Audição de piano

Como noticiámos, realisou-se ha dias, no salão da Academia dos Amadores de Musica, a audição dos alunos da distinta professora de piano D. Lucia dos Santos.

Ouvimos com prazer toda a primeira parte e destacamos pela graça e correcção com que interpretaram trechos de autores escolhidos melles, Ana Bonito, Maria Luiza Sampaio e M. Luiza Xavier Rodrigues.

Abriu a segunda parte a pequena artista de 6 anos incompletos Maria Alice dos Santos, que interpretou com uma graça inexcedivel «Romance», de Tellam, e «Marche», de Gurlitt.

Da segunda parte, em que todos se houveram com correcção, distinguiram-se especialmente na execução de trechos de Scharwenka, Beethoven, Mendelssohn, Chabrier, Chopin, Liszt, Weber e Debussy, Fausto Rosas, M. Teresa Xavier Rodrigues, M. Ermelinda Tavares de Almeida, Alzira Figueiredo, M. Henriqueta Cisneiros Ribeiro, M. Amelia Sousa Neto e Magna Morales de los Rios.

Felicitamos a ilustre professora pelo brilhante resultado obtido pelos seus alunos.

CRONICA LITERARIA

O LIVRO DE VERSOS "APAIXONADAMENTE" DE VIRGINIA VICTORINO

Virginia Victorino continua a ser a mais interessante das nossas poetisas. O seu primeiro livro foi mais do que uma promessa forte; incontestavelmente foi uma anunciação admiravel para a gente da nossa terra e até para o mundo de Alem-Atlantico.

O novo livro de versos, que acaba de trazer a lume, com o titulo expressivo *Apaixonadamente*, é um belo livro de alma, com meia duzia de sonetos objectivos distribuidos a êsmo, e a poesia-vitral, em que nos faz sentir Venez»:

Encantador volume de liricos.
Feixe precioso de sonetos sentimentais.
Paineis do mar, da manhã, do outono, do inverno.

O drama de amor de D. Pedro cantado em ritmos dolorosos para as estrelas e para a eternidade.

Poemas de altas vibrações de sentimento.

Gritos de mulher ansiosa em todas as paginas.

Lagrimas. Cuidados. O coração em dôr.

A poetisa caminha ainda como dona louçana num jardim de comovidas intimidades—jardim de penumbras magoadas—onde ensaiou os seus primeiros passos ha alguns anos já: mas os seus olhos vão mais tristes, cansados de olhar coisas banais, que a dóem, aborrecidos de colherem atitudes indignas, que a não deleitam. A Dôr passa nos seus versos, como nota melodica constante, como a mais alta realidade da vida, a que se não resiste, porque não ha heroismos contra ela, a que se não foge, porque ela nos repassa os proprios nervos e nos incandesce a carne.

A mesma sensibilidade, que em dôce devaneio se quedou a amar a vida simples, rustica, da aldeia, onde Deus está por todos os cantos com as mãos em benção, curvou-se depois abatida ao peso de incriveis sofrimentos:

«E esta amargura sobe tanto, tanto,
«que o meu desejo era parar o mundo.

«E choro, e luto, e sofro horrivelmente.

«E emquanto, abandonada, amargurada eu choro.

«Se eu tinha de sofrer desta maneira,
«antes nunca pudesse aqui voltar.

Já na luz do luar escorrem apenas marés de tristezas, maguas, expressões indefinidas de saudade. Já o rouxinol romantico a cantar sobre a velha laranjeira acorda no espirito fantasmas de desesperanças pungentes, e não paisagens de arrebatadores enleios, como foi noutro tempo. Já a luz de outono, vibrando no cume das montanhas, vem significar apenas como o lindo olhar das coisas infelizes «tem a tristeza das violetas roxas». Já o coração da gente se converte em urna raza de lagrimas, que perpetuamente anuviem os cilios e a todos os instantes marmorisam atitudes de dôr nas nossas faces de estatuas.

«Chorei. Meu, coração, não me desprezes,
«que se é triste chorar algumas vezes,
«mais triste deve ser não chorar nunca.»

No livro *Apaixonamente* é ainda o amor o tema lirico melhor amado e mais enternecidamente procurado. Tal e qual como nos *Namorados*, mas com mais ardentes vibrações, e numa forma literaria que é musica de harpas de ouro. E' ainda a mesma voz inspirada, que nos fala. E' ainda o mesmo coração ancioso, que se chora. E' a mesma sensibilidade pungida, que se lamenta.

«Fui compondo estes versos absorvida
«no ritmo da minh'alma, sempre anciosa.»

Neste fim de primavera, em que já as aves noivaram nos pomares, e os rouxinois disseram sobre as cerejeiras todos os seus versículos amorosos, neste fim de primavera foi-me infinitamente delicioso ler entre os meus girasois altivos e no meu quintal minusculo batido de luar este livro de ritmos impecaveis e de altas belezas de emoção, que Virginia Vitorino quiz oferecer-me.

O soneto *Salomé* é um alto relevo perturbante. Crepita o verso em brazas vivas. A luz é crua. As joias faulham tormentas de sensualissima claridade. Ha um corpo embruxado que dansa. E' tudo baço em torno. Sofre-se nos nervos e nas pupilas tamanha violencia alada, estridente, vermelha. Ha um esplendor acre de desejos, que tremula nos tapetes, que tilinta nas anilhas de prata, que torna um corpo de mulher aza esvoaçante. E o soneto é isto—uma obra prima:

«E aquele corpo já não anda, esvoaça
«sobre os tapetes flacidos, vermelhos.
«Deusa do Rhythmo, Salomé, flutua
«E ri um grande riso, e dansa... dansa...

Aqui venho agradecer-lhe, minha amiga, a hora de intensa emoção que v. me reservou com a leitura do seu livro — a emoção dos seus sonetos de saudade, de muitos outros de angustia resignada, e de quantos outros de torturada desesperança.

Como eu recordo dentro de mim, todo o peito quebrado em pena e remorso, aquele seu formosissimo soneto *Ao soldado desconhecido*.

«*Chamaram no, partiu... ordens de guerra.*»

Meu Deus! Tambem eu parti do lar e saí da terra sem promessas de casamento e *disse adeus ao sol, ao ar e á serra*. Tambem eu saí com a ideia alentadora do regresso, emquanto as pobres velhas de minha casa por mim choravam de magoa e por mim se ficavam a resar. Tambem eu emigrei — não para a guerra onde o soldado se perdeu, mas para esta vida negra de pesares e maldades, onde a minha alma se perdera para sempre o viço, a alegria e a simplicidade cristã de outra data.

Como o seu soneto me doeu o coração saciado e triste!

«Morreu. Vai a passar. O povo resa,
«Tocado de ternura, de tristesa.
«E neste instante de magoado brilho,

«Neste instante de luto e de saudade
«quantas mães, soluçando em anciedade,
«preguntarão baixinho:— «Ês tu meu filho?»

E mais me doeu ainda no atroz momento, em que aquele filho da serra inquietamente era interrogado, com soluços e ansias, por todas as mães da nossa terra extremecidas para aqueles felizes, que inda as encontram ao seu lado.

O seu livro será sempre para mim o que já atrás escrevi um cancioneiro de

Lagrimas. Melancolias. O coração em Dôr.

«*Chorei muito. Chorei. Já não podia.*
«*Venci chorando o temporal desfeito...*»

Alfredo de Carvalho

Mundanismo

Aniversarios

Fazem âmanhã anos as senhoras:

D. Maria da Silva Ferreira Velho e D. Dina dos Santos Leite da Silva.

E os srs:

D. Luís do Vale de Sousa Meneses, dr. Mario Negrão Monterroso, Luís de Sousa Carvalho (Ervideira), Gastão Benjamin Pinto, Jorge de Castelbranco Ferreira Pinto Basto e Francisco Salema Figueira.

Casamentos

O casamento da sr.ª D. Maria de Sousa e Holstein Beck (Palmela), gentil filha dos srs. Duques de Palmela, com o sr. Antonio Correia de Sá (Asseca), deve realizar-se no dia 17 do corrente.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante derá «rendez-vous», amanhã de tarde nas «matinées» do Salão Foz e do Chiado Terrasse e á noite nos teatros Nacional e Politeama, recita da moda, respectivamente com as peças «Viuva Gomes» e «A Filha de Lazaro» e no Cinema Condes «soirée» da moda.

Em viagem

Com sua esposa a sr.ª D. Joana São Mamede Teixeira, e seu filho partiu a bordo do paquete «Bajé», para o Rio de Janeiro, o sr. comendador Carlos Nunes Teixeira.

—Parte na proxima quinta feira para o estrangeiro, com sua esposa a sr.ª D. Maria Elsa de Abreu Franco Sotto Maior, e sua gentil filhinha, o sr. Cancido Sotto Maior (filho).

—Partiu para Buenos Aires, o distinto clinico dr. Antonio Craveiro Lopes.

—Para Coimbra, partiram as sr.as D. Maria Maxima e D. Maria Isabel de Melo de Arriaga de Tavares da Cunha Cabral.

—Com sua esposa e gentil filhinha, partiu para Cascais, o distinto engenheiro sr. Rogerio Vasco Farralho.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Irene Patricio Balsemão Ferreira Marques, encontra-se já na Suissa, vindo de Paris, o sr. dr. Inacio da Mota Ferreira Marques.

—Para a sua casa em Sintra, partiu a sr. D. Maria das Dores de Melo e Castro.

— Do Porto partiu para Santo Tirso, com sua esposa a sr.ª D. Maria de Sequeira Pacheco de Castelo Branco de Carvalho, o sr. Camilo de Castelo Branco de Carvalho.

— Vindo do estrangeiro, regressaram á sua casa em Lisboa, o sr. Raul Empis e sua esposa a sr.ª D. Luiza de Sousa Coutinho Empis.

— Está em Lisboa, vindo da sua quinta dos Pequeninos, em Torres Vedras, com sua esposa o sr. Alfredo de Franco de Albuquerque.

— Parte no dia 5 para Santo Tirso, com sua esposa a sr.ª D. Maria Felismina Franco Falcão, e sua gentil filhinha, o sr. Manuel Falcão.

— De França, regressou com sua gentil filha D. Maria Carlota, o sr. Conselheiro Vasconcelos Porto.

— Para Santo Tirso, parte na proxima quinta feira, o sr. dr. José de Barros (Alvelos), acompanhado de seu filho Pedro.

— Regressaram de Valença, os srs. Manuel Figueira Freira da Camara e José Martinho Alves do Rio.

—Para Cascais, parte na proxima semana, com su esposa a sr.ª D. Emilia de Macedo Castel-Branco, o sr. José de Freitas Castel-Branco.

—Partiram para Rovyat, as sr.as D. Augusta Ferreira de Azevedo Castelo Branco e D. Maria Celina Sauvaer da Camara.

—Regressou do Gerez, á sua casa em Santarem, a sr.ª D. Maria Romana Lobo de Moura de Vilhena Barbosa Caldas.

—Para o Douro, onde vai convalescer da enfermidade que ultimamente o reteve em casa, partiu o sr. Armando da Camara Rodrigues.

—Com sua familia partiu para Cintra, o sr. Julio Jardim de Vilhena.

—Nas Pedras Salgadas, encontra-se com sua esposa e filhos, o sr. dr. Aniceto da Silva.

—Das Caldas de Taipas, regressou á Foz do Douro, o sr. Joaquim Bessa Pinto.

—Partiu de Oliveira de Azemeis para Vizela, o sr. Amador Valente.

—De Povoa de Rio de Moinhos, partiu para Espinho, o sr. José da Fonseca Castelo Branco.

LEQUES
Artisticos, antigos e modernos. Lindos e variados modelos para decorações e costumes
RUA DA PALMA
PEROLA DA CHINA

A's Senhoras
Carsul-nas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

LAXEOL
O unico producto que cura todas as coerças intestinaes
Lab. Farm. Internacional — R. DO OURO, 228

ADVOGADOS
Berens Freire
João Antunes
Bernardino Gracias
LISBOA R. da Padaria, 48 1.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o GRAXE CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

OFICINA FOTOMECANICA
FUNDADA EM 1902
Thomaz Bordallo Pinheiro
Bordallo Pinheiro, Limitada
FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOGRAFIA
DESENHO
GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914
Largo do Conde Barão 49
LISBOA
TELEFONE 2554

S. CARLOS Telef. C. 5063
Companhia LUCILIA SIMOES
HOJE — Ultima Recita da Moda com a
M A G D A
Magistral criação de LUCILIA SIMÕES
Schwartze ERICO BRAGA — Notavel conjuncto — Esplendida encenação de Antonio Pinheiro —
Primoroso programa pelo sexteto
A seguir: MAR ALTO de Antonio Ferro
Bilhetes desde Esc. 2$00, á venda, de dia, sem aumentos. «Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00.

APOLO Telefone n.º 4129
HOJE As interessantissimas peças
MA' SINA
— e —
A SAUDADE
Admiravel conjuncto de desempenho com EDUARDO BRAZÃO, JOSÉ RICARDO, MARIA MATOS, ILDA STICHINI, MENDONÇA DE CARVALHO e GASTÃO ALVES DA CUNHA nos principais papeis.

EDEN TELEF. N.º 3:800
SEMPRE DUAS SESSÕES
em exito recrudescente
A graciosa e deslumbrante revista
CALDO VERDE
Linda musica — Optimo desempenho — Surpreendentes apoteoses — Lindissima guarda-roupa
Sempre numeros repetidos e entusiasticamente aplaudidos

"A Casa do Misterio" no Condes

Uma «reprise» unica e sensacional

O exito enorme obtido pelo estupendo «film» de aventuras *A Casa do Misterio* levou a empresa do Condes a satisfazer inumeros pedidos exibindo-o em «reprise» unica, a qual compreende hoje os três ultimos capitulos, os mais impressionantes do extraordinario romance. Hoje estreia-se a 4.ª jornada dos *Parias do Amor* e ámanhã, em espectaculo da moda, outra estreia deve fazer sensação, a da chistosa comedia burlesca *Serapião heroi á força*.

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 15.

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. CALÇADA DO LUCUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

LIVROS NOVOS

"FOGO SAGRADO"

por Garcia Pulido

Transcrevem-se os poemas "Melodia outonal" e "Ad Cleliam"

Daqui a tempos, Maria,
Quando ao fim do nosso dia
O tempo tocar trindades,
A lembrança do que fomos
—Branca chuva de saudades—
Há-de vir ao nosso olhar,
Luminosa, matinal,
Como pombas de tornada
A' sombra do seu pombal...

Tudo então serão saudades
Ouvindo a morte bater,
Saudades d'outras saudades,
Saudades de não as ter...

E já pertinho da morte,
Cansados da caminhada,
Não tendo vida p'rá frente
Vingaremos a má sorte
Da tristeza do presente
Vivendo a vida passada.

E' como um mar esta vida,
Mar de pranto, mar de magua,
Passam ondas, tornam ondas,
Mas é sempre a mesma agua...

De saudade, lentamente,
A luz dos olhos absortos,
Desfiando o longo rço,
Evocará, santamente,
Todo o passado dormente,
Desde as cantigas do berço
Ao berço dos nossos mortos...

Tudo neste mundo passa,
O que é cinza já foi lume...
Passa a vida, torna a vida
Nisto a vida se resume.

Os mortos, sombras queridas,
Como sombras d'outras vidas,
Que pela vida passaram
E nossas almas levaram
Na magua das orações,
Acompanham-nos agora,
Vendo as suas horas calmas
Para nós chegada a hora
De enlaçar os corações
Na paz eterna das almas...

Mas, ai de nós! O passado,
Remexido dia a dia,
Como ninho abandonado
Mais frio que a cinza fria,

Não nos dá consolação,
Dá-nos tristeza maior
E numa voz de agonia,
Caldeada de magua e dôr,
Diz ao nosso coração:

Se alivio desejas ter
Do passado não te valhas,
Pois a ninguem dá prazer
Revolver pó de mortalhas.

Sou como casa sem dono,
Debalde em mim te confortas,
Moradia de abandono,
Vivenda de coisas mortas...

Como posso dar-te luz,
Pobre alminha dolorida,
Se eu sou a sombra da cruz,
Na sombra da tua vida?

Mas viver é recordar,
Diz o sonho que procuras,
Triste ironia encontrar
Ilusões nas sepulturas...

O tempo é agua corrente,
Mal chega, logo se esvai...
E' um minuto o presente,
E' nada o que já lá vai.

Entre a saudade e a esperança
Minha alma a vida penou:
A dôr do que não se alcança,
A magua do que passou.

O que da vida descreu
—Triste mal sem lenitivo—
Morreu, sem ver que morreu.
E' como sombra dum vivo.

A saudade faz lembrar
A melopeia da nora:
A uns parece cantar
Parece a outros que chora...

E' um moinho a girar
A vida, no seu cansaço,
Desvaira, sonha voar,
A's voltas no mesmo espaço.

Dardeja o sol diluvios de alegria.
Deixa a tristeza absurda que te invade;
Vem remoçar na grande luz do dia
A tua mocidade.

Palpitam seivas nas folhagens novas,
Ha já flôres á beira dos caminhos
E a passarada ensaia as suas trovas,
P'ra o festival dos ninhos.

Abrem-se á vista largos horizontes
E em atitudes misticas, nos longes,
Lenta deslisa a procissão dos montes
Tranquilos, como monges.

Num silencio ogival de salgueirais
Vai o barranco em fio a marulhar,
Humilde veio a desfazer-se em ais,
Por não saber cantar.

Nos alcijões dos troncos carcomidos
Sobre a espuma do musgo luzidia,
Faunos esculpem, como em tempos idos,
Carrancas de ironia.

Na velhice dos troncos abraçadas,
Em notas de viril alacridade,
As eras riem limpidas risadas
De plena mocidade.

Azas de neve de polar aspecto
Fendem, ruflando num rumôr de penas,
Ares mais dôces do que o mel do Himeto,
Olimpicas, serenas.

Pelas folhagens oscilantes, sôa
—Harpa divina enchendo terra e céu—
A voz de Zeus, cantarolando á tôa,
As liricas do Orfeu.

E Apolo em festa a rir pelas quebradas,
Na luxuria pagã de seus amores,
Fecunda de quiméras irisadas
O coração das flôres.

Rasga do tédio a tenebrosa teia,
Que em negros pensamentos te amortalha
E faz nas calmas, por um grão de areia,
Destroços de batalha.

Antes que a vida corra e se desfaça
Numa penumbra de silencio eterno,
Bebamos ambos pela mesma taça
O limpido Falerno.

E o meu amor, num poema de desejos,
Por Venus, livre de quiméras fátuas,
Ha-de cantar, na musica dos beijos,
A linha das estatuas.

Já adivinho a linda madrugada
Do teu corpo de marmore sem par,
Na sua musical beleza alada
Duma anfora de luar.

Os teus dois seios de polar espuma
Gomis de leite turgidos e belos,
Alvorecem, magnificos, na bruma
Dispersa dos cabelos.

E os braços de ambar, fusos latescentes,
Voluptuosas caricias perturbantes
Hão-de pender, exaustos e dormentes,
Num sonho de bacantes.

Louca, não poupes o licor da vida,
Aroma capitoso de epidermes,
E não penses que um dia apetecida
Serás tambem dos vermes...

AS ULTIMAS NOVIDADES
em tecidos «chics»
para cavalheiro só se encontram na alfaiataria
MARQUES & SANTOS, L.da
Rua do Loreto, 42, 1.º Telefone 3699-C.

Nacional Telef. N. 3049
Rir sem cessar
com JOAQUIM COSTA e ALEGRIM
A VIUVA GOMES
A mais comica das situações
O creado á força em casa dos novos ricos
Esplendido programa pelo sexteto

TEATRO AVENIDA
: COMPANHIA PALMIRA BASTOS :
O grande sucesso
A CHAMA
Primoroso trabalho de Palmira Bastos
A'manhã — 1.ª representação da peça de Eduardo Schwalbach «SOL DE ABRIL»

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA
Comp.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Tel. 3028 N. HOJE A's 21,30
FILHA DE LAZARO
Sexta-feira, 6
A comedia em 3 actos
Ordem de marcha

PROVEM TODOS OS NOVOS
REBUÇADOS DE FRUCTA
ALIANÇA
FABRICADOS NAS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES POR PESSOAL SUISSO, SÃO
SUPERIORES AOS EXTRANGEIROS

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3542

VACINAS e SÓROS
DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA
Bacterina de Neisser
» » Estafilococcica
» » Antimeningococcica
» » Acné
» » Estafilo-estreptococcica
» » Coli
» » Pyorrhéa, etc.
Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas
SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Intermezzo

Quando estamos juntos e a vida se nos apresenta apenas como vida — sem passado, sem presente, sem futuro, — um sentimento apenas parece reger o coração do mundo, a harmonia intima dos astros, a melodia embaladora das fontes, os caoles obscuros das flôres, as azas libertas das aves... E' o sentimento do nosso amor!

Quando estamos longe, como agora, e nos vêmos e ouvimos em lembrança, alma com alma, sentimento com sentimento, coração com coração, apenas a saudade se pressente, abrindo as suas pétalas á vida, como um lirio tremulo ao luar.

E ficas tão bem no amor! E ficas tão bem na saudade!

* * *

Ontem disséste-me numa carta. «As giestas já estão murchas. Só abrem ao sol de maio!» Creatura encantadora que tu és! Não haverá giesta, pela vida fóra, que só o amor consegue fazer abrir?

* * *

Um outro periodo da tua carta era este: «que seria a musica destes pontos, o esperguiçar destes vales, o subir destas colinas, o eco de todos estes chocalhos, toda a harmonia infinita do cair das tardes, sem a tua lembrança constante?

E eu pregunto: que seria a minha alma sem a tua?

A. M.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

Algumas das obras mais importantes de cimento armado, executadas com o «CIMENTO CONDOR»

Campo Entrincheirado de Lisboa.
Caves da Rapozeira.
Fabrica de Louça Esmaltada J. Minchin.
Instalações Hidro-Electricas do Varoza.
Cinematografo da Trindade, do Porto.
Grandes Instalações Vinicolas Valente Costa, Vila Nova de Gaya.

Depositarios para o Sul do paiz:

RAUL VIEIRA, LIMITADA

Rua da Prata, 51 — Tel. 3586 e 2194 C.

ARMAZEM PRECISA-SE, Bairro Alto ou proximidades. Resposta: Largo do Conde Barão, 49.

CAMBIOS

DIA 3

	Comprador	Vendedor
*/Londres, cheque	2 11/32	2 21 64
» 90 dias	2 3/8	2 5/16
*/Paris	1$325	1$340
*/Berlim	0,10	0,20
*/Holanda	8$750	8$820
*/Madrid	3$190	3$220
*/Bruxelas	1$125	1$140
*/Roma	$970	$985
*/Suiça	3$930	3$970
*/Suecia	—	—
*/Noruega	—	—
*/Dinamarca	—	—
*/Nova-York	22$500	22$700
*/Brasil	2$460	2$490
Rio */Londres	5 25/32	—
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

O TEATRO

O DRAMA "O LODO"

de Alfredo Cortez

"Não é uma peça imoral, é uma peça banal. E' falsa como teatro"

Depois dum longo periodo de incubação literaria, em que tememos que o craneo priveligiado do sr. Alfredo Cortez estoirasse de genio, surgiu ontem, aos olhos do publico, uma peçasinha raquitica, enfezada, inviavel, intitulada o *Lodo*.

Não é uma peça imoral, é uma peça banal. Não tem audacia, não tem arrojo, não tem concepção, E' falsa como teatro, é falsa como vida, é inferior, literariamente, ás peiores coisas de Alfredo Galis.

Não queremos submeter a literatura a uma lei de moral. Proclamemos como Wilde — em arte não ha imoralidade; ha estetica. Todas as manifestações do pensamento humano lhe estão subordinadas, diz Faguet. Quando se desce ao sub-solo da vida, onde se deve entrar como um mineiro, lampada acesa, que é a luz da beleza oscilando, matando a sombra, arrancando á treva o minerio, que é negro, mas que tem lucilações ignoradas, assim como o coração que está mais baixo, pulsa e sente, vibra e palpita, num desconhecido ritmo, onde os sentimentos se encontram, em combinações ignoradas á superficie da terra — necessario é, extrair caracteres, pintar pela verdade e não pela morbidez, mergulhar bem, para trazer nas mãos enegrecidas da vaza, uma flôr ou uma alma á luz do dia.

Analizemos a vida, a ultima circumvolução cerebral do homem, ponhamos o espirito livre e rebelde da nossa critica sem canones sobre todas as miserias humanas, como um espelho que tudo reflete. Tratemos os casos como homens e não como galerianos, homens que fazem da lama sonho, e que não dissecam sem ter uma ideia, uma fraze, um pensamento.

A *Terra*, o peior romance de Zola, não é apenas um virar de paginas, donde estravaza o fartum do estrume. Tem uma concepção mais alta, sem deixar de ser rial. E' a terra farta e gorda, fazendo germinar nos seus flancos, a semente, em estrelas, semente que é a vida, promessa larga e revigoradora do ámanhã, o ámanhã gloria; a gloria, destino humano. Não é, mesmo que fosse bem escrita, teatro português a peça de ontem. Assim como não é literatura o folheto banal que se vende na travessa de S. Domingos, ou arte a fotografia reles que se oferece no escaparate das alfurjas. Digo isto por horror ao nú? Não! Núa está a Venus de Cnide e bem núa e é bela, porque fala, porque sente, porque palpita, porque ha no seu corpo um tributo de graça, e as suas linhas ganham a ambição delirante duma forma perfeita e eterna.

O *Lodo*, disse-o já, não é uma peça imoral; é uma peça banal. As suas figuras são como as dos tablados das feiras. Ocas e vasias, sem humanidade, pintalgadas de vermelhão, como se o crime ou o relampago sinistro do sangue, lhes podesse dar o que elas não têm — Vida.

Troque o sr. Cortez a expressão verbal das figuras do *Lodo*, que ela a todos se ajusta, indiferentemente, sem se adaptar a nenhuma. Onde o recorte psiquico e intimo de Domingas Capeloa ou da Julia? Não ha nelas uma intensão, um conceito, uma definição de alma. Só palavras. O sr. Cortez encara a vida, como um vulgar policia do governo civil. Nem mesmo estudou o «argot». Giria não ha. Quando muito o vocabulario das revistas.

O primeiro acto, desenha um conflito entre duas mulheres á volta dum homem. O segundo, é uma narrativa, sem teatro. O ultimo, esboça uma intriga vulgar, cuja causa é um trespasse duma casa. E' o problema do inquilinato posto ao serviço do crime, coisa que nem Tarde, Ferri ou Lombroso, podiam visionar facilmente, mas que a imaginação infantil do sr. Cortez, tentou erguer em ridiculos de «grand-guiñol» de Feira de Alcantara.

Mas vamos por partes. O primeiro acto, parecendo o melhor, já está feito. E uma fotografia precisa de scenario, não de ambiente. Sabe-se que o Estado localiza determinadas mulheres, e que elas quasi tão inteligentes como o sr. Cortez, que a esta hora deve estar repeso do fracasso consideravel que teve em teatro, pois que julgou fazer uma agua forte, e, quando muito, fez uma agua urica — se revestem duma certa decencia... Julgamos que o Teatro Politeama, onde ontem a sr.ª D. Amelia Rey Colaço, sofreu o seu maior desaire de mulher-mãe, tão grande que eu se fôsse seu admirador incondicional, teria cortado as relações com o sr. Cortez, ainda não tem licença do Governo para manter a porta aberta a deshoras... O dialogo é fraco literariamente. Não tem a claridade duma ideia, a scintilação duma frase, o recorte emblematico duma imagem. E sintomatica a impotencia literaria do autor. Esboça-se um conflito e ha uma pretensa apresentação de personagens, pois que elas não têm vida propria, apenas balbuciam o que ingenuamente o sr. Cortez foi buscar ao vocabulario correntio da rua e não faz epoca, e não a palavra rude, cortante, precisa, formidavel da ressonancia, de calão, como Victor Hugo, nos *Miseraveis* a apresenta. Colorido português, como o da *Severa*, não tem. Aquele primeiro acto é um pequeno episodio do *Mon-Homme*, travestido, e mal, pelo autor.

O segundo então, feito só com duas figuras é uma narrativa, estivada, monotona, insistindo sempre na mesma tecla: a filha que quere salvar a mãe. A linguagem tem a vulgaridade das moscas. Sabemos bem que o dialogo deve ajustar-se aos personagens, mas quando nos aparece uma, como a *Luz* a falar com pretensão de bem educada, justo é exigir-lhe um pouco mais de expressão verbal, e não insignificancias de tradutor de Peres Escrich. A unica coisa bela que este dialogo tem, a descrição impressionista do *Lodo*, não é do autor. E' de Vitor Hugo. Vem nos *Homens do Mar*. Não ha entre mãe e filha um unico fio de ternura, de humanidade, o choque de duas almas, grandes ou pequenas, esfrangalhadas, trituradas pela vida. A scena final de Domingas Capeloa a ver, olhos esgasiados, que a procura, manqueja, não tem misterio, grandesa do desconhecido, transe de horror. Quando muito é a frase agarotada do *olhar do morto*. Este acto não influe na peça, nem a liga, nem a desenvolve. Podia ser bela, se o sr. Cortez soubesse escrever, arrancar á vida, faulhas de odio, as lagrimas e os sorrizos, os sorrizos e os soluços. Raul Brandão, nos *Pobres*, no capitulo *Natal*, tem a grandesa de um Sckakspeare, quando faz falar as desgraçadas da rua. Sem literatura, ou com literatura melhor sentido da palavra, a expressão verbal de todas elas, tem realidade e angustia — faz-nos chorar. E' a propria boca da rua, desgraçada e imensa, sem recurso de dialetica, que exprime todo o fel, toda a iniquidade da vida.

Sendo como é inutil este segundo acto, que não tem acção, nem situação, o terceiro podia ligar-se ao primeiro. Quando esperavamos que este acto fosse o desenvolvimento do primeiro, o conflito deste é posto de parte e aparece imprevistamente, como acção, o tal trespasse da casa. Os sentimentos dos personagens não se difinem. Como se explica que a Maria Capeloa, que no segundo declara á filha querer ficar em casa, porque ama o Manuel Facão, no terceiro diz o contrario, sem uma explicação ou uma vulgar frase de transição? O que se vê é que o sr. Cortez não sabe fazer teatro, não tem unidade. Há então o crime! Na rua o povo mata por amôr, por um amôr que se tem vicio, tambem tem grandeza, que se é reles, chora. Nunca por uma casa! Está ali alguma alma, a fibra da raça portuguesa? Não! O que está é apenas um papaguear indecoroso, sem tom nem som. A ultima scena, que não precisa, nem exemplifica o odio da mãe á filha que lhe leva o amante, tem uma conclusão de cocegar o mais sizudo. E' dum funebre ridiculo e sanguinario, feito com todos os matadores.

A certa altura julgamos que é a tragedia do *Frei João Mocho* e que vai ser o fim do mundo. Depois, porêm, começamos a compre-

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

COLONIAS

O GOVERNO DE S. TOME

E AS RECLAMAÇÕES CONTRA DOIS DIPLOMAS

RECENTEMENTE PUBLICADOS

A proposito dalguns diplomas publicados pelo governo de S. Tomé, o jornalista conversou com o sr. dr. Agostinho Correia Afonso, tabelião e advogado:

— As noticias publicadas têm sido tendenciosas, evidentemente inspiradas pelo Centro Colonial. E o dinheirão que se tem gasto em telegramas de lá para cá e de cá para lá, ninguem se entendendo...

— Quais são os diplomas em questão?

— Um é o Regulamento Local do Trabalho Indigena; outro regula o repatriamento e a assistencia medica aos empregados do Comercio e Agricultura.

— E' autor destes diplomas?

— Não. Colaborei em ambos como vogal dos Conselhos Executivo e Legislativo. Quanto ao Regulamento Local, fui tambem presidente da comissão que elaborou o seu projecto. Esta comissão foi composta na sua quasi totalidade pelos representantes dos patrões. E o projecto por ela apresentado foi aprovado com poucas alterações por aqueles dois Conselhos.

— Se o projecto foi aprovado com pequenas alterações, a que são devidos os protestos?

— Justamente ás alterações. A que os patrões não aceitam principalmente é a que se refere aos salarios dos serviçais.

— E' só contra essa disposição que os patrões protestam?

— Ha um outro artigo contra o qual reclamou tambem o Centro Colonial. E' o que diz respeito á proibição dos serviçais andarem com os instrumentos do trabalho fóra das horas do mesmo.

— Para que foi tomada tal medida?

— Por causa da criminalidade, que ia tomando um incremento assustador. As autoridades judiciais deram o grito de alarme.

— Quais as causas desse incremento?

— O alcoolismo e o ciume, principalmente. Talvez o mal-estar provocado pela insuficiencia dos salarios. E a ferramenta do trabalho era o principal, senão o unico, instrumento do crime.

— Ha qualquer medida contra o alcoolismo?

— Ha. Fui o primeiro curador geral que poz oficialmente o problema do alcoolismo e procurou resolve-lo. E é com o maior prazer que constato que o sr. Antonio José Pereira, actual governador da colonia, com uma coragem moral que muito o honra, fez o que até hoje nenhum ministro nem nenhum governador tinham feito: enfrentar o problema do fabrico da aguardente, proibindo-o. E' verdade que anteriormente, o governador sr. dr. Avelino Leite tinha obrigado os aguardenteiros a pagar contribuições, acabando assim com a situação privilegiada em que viviem.

— Diz-se que o ministro das Colonias prometeu suspender o regulamento local e o diploma legislativo que proibe o fabrico da aguardente...

— Não o creio. Não posso crer que haja um ministro das Colonias que proclame a liberdade do alcoolismo em S. Tomé. Quando em Moçambique o dr. Brito Camacho manda arrancar a cana dos aguardenteiros, apesar dos avultados lucros que estes ofereciam ao Estado; quando o general Norton de Matos vai na senda da America do Norte, proibindo, não só o fabrico, mas até a importação de todas as bebidas alcoolicas, — não acredito que o ministro das Colonias proceda assim para com S. Tomé.

Escrita á maquina

Ensino rapido, perfeito e garantido na

ROCIO ARCO BANDEIRA 231

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

DE LUTO

O ENTERRO DO GENERAL JOAQUIM AUGUSTO TEIXEIRA DE SEQUEIRA

REALISOU-SE ESTA MANHA

O enterro do general Joaquim Augusto Teixeira de Sequeira, extremoso pai do nosso querido amigo Manzoni de Sequeira, administrador do «Diario de Lisboa», constituiu uma grande manifestação de pesar.

O prestito funebre saiu da Travessa da Palmeira, 27, 2.º, para o cemiterio do Alto de S. João onde se organisaram varios turnos, sendo um da familia e outro dos representantes das diferentes secções do «Diario de Lisboa». O corpo ficou sepultado em coval separado por determinação do extinto que era um espirito muito bondoso e culto, sendo formado em Matematica, em Filosofia, e, faltando-lhe poucos graus para terminar o curso de Teologia.

A casa da familia do ilustre oficial teem ido muitas pessoas expressar-lhe as suas condolencias. Dentre estas, destacamos os seguinte nomes:

Americo Pedroso Gomes da Silva, José Julio Duarte e Silva, Viriato Bette Henriques, Antonio de Almeida Bomba, engenheiro Constantino Schroeter Batalha de Carvalho, D. Mariana Arriarte Pedroso Gomes da Silva, José Manuel Roma Machado Cardoso Salgado, Jorge Chaves Junior, João Franco Monteiro, D. Amelia Roma Machado Barbosa, Antonio Carlos Barbosa, João Francisco Gravata, Antonio José Correia Junior, Roberto Ramos, Jaime de Almeida e Sousa, D. Elisá Dias de Freitas Rodrigues, Leopoldo Candido Rodrigues, Augusto Gonçalves Wienz, João José Sinel de Cordes, Henri Reynaud, Alberto Nicolau da Silva, Antoine Jean Reynaud, Léon Reynaud, Fernando de Oliveira, Vitor Edmundo Macieira, capitão Artur Lobo da Costa, D. Adelia Xavier da Silva, D. Eugenia Maria Vieira Lopes, tenente-coronel Antonio Tavares da Silva Godinho, D. Maria das Dores Simas Celestino Soares, José Augusto Celestino Soares, Moysés de Milne Wilner de Sales Henriques de Oliveiro e Carmo, Aristides Dias de Oliveira, Virgilio Vieira Lopes, Antonio Caldeira Pires, D. Blandina V. de Saldanha e Albuquerque Verschueider, D. Virginia de Mariz Lopes de Andrade Delgado, Antonio José Delgado, D. Maria José de Borja, José Duarte de Barros Rego, José Fernandes Forte, Raul Campos Antunes, D. Mariana A. da Silva, D. Maria da Madre Deus Sanches dos Reis, Manuel Tomaz Rodrigues Troya, José Gonçalves Ferreira, Domingos de Araujo Junior, Bernardino Simões, Anibal Artur Quintão, Joaquim Ferreira Chaves, Daniel Eduardo Martins.

General João Joaquim Caldeira Pires, Eduardo Guimarães, esposa e filhos, D. Maria del Rosario Lopes Veloso, Antonio de Andrade Veloso, alferes Carlos Antonio Parreiral da Silva, Vitor de Lemos, José de Almeida, Antonio Ferreira Damasio, coronel Francisco A. Garcez Teixeira, D. Maria da Graça de Faria Santa Barbara, Mario Bruxelas, dr. Rodolfo Xavier da Silva, Eduardo Faria Santa Barbara, Vitor Bruxelas, Albino Eduardo Macieira, João Artur Macieira, Joaquim Lopes dos Santos, Alvaro Cesar Rodrigues, Anibal Mendonça Heitor, Laurette F. de Saldanha e Albuquerque Varzhueider e suas irmãs, João Dias da Silva, Antonio Queriol Ferreira Roquette, José Manuel Roma Machado Cardoso Salgado, D. Adelaide de Borja, D. Laura Guimarães, Alvaro Dias Pereira, Alberto Gaspena, Rafael Rodrigues Melo, Elias R. Seruya, Adeodato José de Carvalho, Gastão Homero Cabreira Afonso, Casimiro Macieira, Alfredo Canelas, Manuel Ferreira, Pedro Lopes Macieira, Francisco Camacho de Brito, Jorge Augusto Lopes de Andrade, Joaquim José de Matos, Artur Mendes, J. Vitor, D. Ermelinda Gomes, Antonio Moniz Ribeiro Neves, esposa e filha, José dos Santos Nascimento Junior, Virginia Guimarães Vaissier, Teofilo Vaissier, Matilde Guerra Sampaio, Julio Muñoz Crespo, José Santanna, Paulo Carvalhal Barbosa, Mario de Magalhães, Benjamim Daniel Vieira de Azevedo, Estevam Guimarães, Jacinto da Costa Ribeiro, Segismundo Costa, João Magalhães Paulo dos Santos Almeida, Antonio da Costa Leão, Hedroiges Pereira Guimarães, Bernardo Guimarães, Manuel Adolfo Rodrigues Virgilio de Oliveira.

Frederico Ernesto Marta, Raul dos Santos Lopes, Antonio Pereira da Silva, Cipriano Marques, Fernando Santos Viegas, Rogerio J. Ferreira, Luís Carlos de Saldanha, D. Guilhermina G. Ferreira, Antonio da Costa e filho, Julio de Melo, D. Celeste Santos Costa, Antonio Cesar de Oliveira, Saturio Pires, D. Florinda da Cunha Andrade, Gabriel Augusto Macieira, João Cipriano Roiz Batalha, João M. Calvet de Magalhães, João Henrique Marques Rodrigues Batalha, Rui Batalha, Manuel do Espirito Santo.

Representações: Renascença Grafica, pelo sr. Pedro Bordalo Pinheiro, Antonio Vieira Pinto, Pinto & Sotto Mayor e Costa, Limitada, por Alfredo Vieira Pinto, Bordalo Pinheiro, Limitada, pelo sr. Diniz de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, Companhia de Comercio de Criação, Ovos e Frutas, pelo sr. dr. Guilherme de Ayala Monteiro, *O Mundo*, pelo sr. Luís Derouet, *O Dia*, pelo sr. Ivo de Monforte, a revisão da *Diario de Noticias*, pelo sr. Francisco Camacho de Brito, Viuva Macieira & Filhos, Alves & Simões Limitada, etc.

Cartas e telegramas recebidos: José Cabral Sacadura, Faria Oliveira, dr. Joaquim Manso, José Moreira de Almeida, dr. João Moreira de Almeida, Antonio Ferreira, Bernardino Simões, Lutero de Morais, Ferreira Leal, dr. Antonio Sarmento Brandão, Alvaro de Andrade.

Do *Diario de Lisboa*, fizeram-se representar no funeral: a redacção por Felix Correia, a administração por Mendonça Freire e a tipografia por Miguel Martins.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

FINANÇAS

OS EMPRESTIMOS externo e interno

"Não se está fazendo agora nenhuma negociação no estrangeiro"

E' o sr. ministro das Finanças que diz ao jornal *O Mundo:*

—Por emquanto não penso em emprestimo externo...

De modo que essa grande vantagem moral do emprestimo interno não está senão aproveitada. Porquê?

Porque não é preciso. Mas...

E' uma alta figura de politico, dado a finanças, prudente e sabedor, mas pouco governamental quem informa:

—Mas lá que muita gente se mexe lá fóra para que se faça um emprestimo externo —não tenha duvida. Ha sempre intermediarios nestes negocios de emprestimos. A esses é que os emprestimos aproveita.

—E ao país?

—O país não precisa de emprestimo externo. Pra quê? Para se endividar mais?

Devemos dizer que o nosso entrevistado tem uma notavel autoridade especial.

—Para quê, emprestimo externo? Ah! meu amigo! No tempo da monarquia protestavamos contra tudo que agora fazemos.

E com energia:

—Nem emprestimo externo, nem aumento de circulação fiduciaria. O aumento de circulação serve apenas o Estado, e nem sequer anima a carteira comercial, provocando movimento de dinheiro.

—Mas não é preciso dinheiro?

Se os senhores soubessem a posição politica do nosso informador, haviam de se admirar desta resposta:

—O que é preciso é não gastar tanto dinheiro. O Parlamento aprova constantemente novas, inuteis despezas. Ninguem põe um travão. Uma voracidade. Isto é que é preciso considerar.

—E o emprestimo interno?

—Só metade se aproveita. O resto—é uma ilusão. Garanto-lh'o eu.

—Mas diz-se...

—Pois eu digo-lhe o contrario. Só a provincia, e a provincia pobre concorreu de maneira que se visse.

—Pessimismo de v. ex.ª.

—E' assim em Portugal. Quando alguem não segue as ideias perdularias ou as doutrinas de nos individarmos até ás orelhas—é pessimista. Pois eu digo-lhe que as despezas crescêm, quasi com inconsciencia, e que os emprestimos que se fizessem lá fóra só serviam para alguns tipos, que por lá abundam, receberem as suas pavorosas percentagens, sabe-se lá se a esta hora já divididas...

E foi-se, com a sua má lingua. E ai fica uma opinião nova.

A VIAGEM DE CIRCUMNAVEGAÇÃO

Sacadura Cabral escreve ao "Diario de Lisboa"

Sr. redactor. — Se tiver livre um canto do seu jornal muito lhe agradeceria a publicação das seguintes linhas:

O deputado sr. Antonio Maia falou ontem na Camara dos Deputados sobre o que o *Diario de Lisboa* chama em grossas letras «um erro de calculo». Aquele sr. deputado demonstrou, e muito bem, que com o motor, «Rolls» consumindo 18 galões de gasolina por hora e com reservatorios para 230 galões não se pode voar mais que umas 13 horas, as quais, á velocidade media de 70 milhas por hora, permitem um raio de acção maximo de 910 milhas e que, nestas condições, tal aparelho não poderia cobrir as 1.200 milhas que vão da Terra Nova ao Faial, nos Açores.

Se o deputado Antonio Maia quizesse lêr o relatorio com atenção veria:

a) que logo no começo do relatorio, e quando se indicam as «étapes» possiveis, *se faz excepção da travessia do Atlantico*, e por isso que, de um modo geral, as considerações do relatorio excetuam esta travessia.

b) que se preconisa o emprego do «Rolls» e do «Napier» mas de preferencia o «Rolls», por se julgar de mais confiança e ser mais barato, deixando o «Napier» para quando a potencia do «Rolls» (390 H. P.) não fôr suficiente para cobrir grandes étapes, (caso da travessia Terra Nova-Faial) e assim compreenderia:

c) que até á Terra Nova se empregaria aparelhos do tipo preconisado munidos do motor «Rolls» e tendo por isso um raio de acção de 900 milhas, mais que suficiente para vencer as 700 milhas de distancia maxima das étapes preconisadas.

d) que para a travessia do Atlantico se empregaria um aparelho semelhante mas com motor «Napier» (500 H. P.) e tanques para 400 galões de gasolina e assim podendo voar umas 19 horas e ter um raio de acção de umas 1.300 milhas.

Escreveu-se um relatorio para ser apreciado em Conselho de Ministros, isto é por entidades que tinhamos obrigação de supôr que leem e percebem e por isso não entrou em detalhes que, sendo facilmente perceptiveis não precisavam de ser acentuados.

Faço este pedido de retificação porque, pelo caminho que as coisas levam é possivel que alguns dos que ainda ha bem pouco queriam á viva força pôr-me nos pincaros da lua, terminem por entender, que á semelhança de muitos outros, devia estar em Rilhafoles.

Até agora a minha doidice tem consistido em supôr que *ainda vale a pena dispender energia para fazer alguma coisa a serio neste país* mas creio que éla já está indo um pouco mais longe pois me vejo disperdiçando o meu tempo em, como se costuma dizer «gastar cera com ruins defuntos».

De V. etc., *Artur de Sacadura Cabral.*

Pelos teatros

«Casa dos Jornalistas»

A Companhia Palmira Bastos promove no proximo dia 9 no Teatro Avenida uma recita a favor da «Casa dos Jornalistas»:

Podemos desde já informar os nossos leitores de que, além da parte maxima que na recita tomará a companhia Palmira Bastos, varios elementos de alto valor nela colaborarão, como a poetisa D. Virginia Vitorino, o escritor Antonio Ferro, as actrizes D. Laura Costa e D. Maria de Lourdes Cabral.

Tambem temos a dar a noticia de que o advogado sr. dr. Cunha e Costa, membro da «Casa dos Jornalistas», pronunciará, a abrir a festa, algumas palavras sobre a imprensa.

E' já grande a procura de bilhetes, tendo o empresario sr. José Loureiro mandado oferecer pelo seu «fauteuil» a quantia de 500$00.

Reuniu hoje, no teatro Nacional, a direcção da «Casa dos Jornalistas, que se ocupou não só da festa do dia 9, mas ainda de outros assuntos de interesse para a colectividade.

«Viuva Gomes»

Na nossa critica de ontem, sobre a Viuva Gomes, *esqueceu-nos citar o nome de Ema de Oliveira, uma das nossas mais apreciadas* divettes *de revista, e o da novel actriz Romana Cruz.*

Ema de Oliveira é uma das melhores interpretes da Viuva Gomes *fazendo com observação exacta e invulgar caracter o papel admiravel de nova rica.*

Atrás do reposteiro

No dia 9, realiza-se no teatro Apolo, uma festa de homenagem á actriz Ilda Stichini. A empresa daquele teatro querendo dedicar á brilhante artista essa noite, conseguiu do grande actor Eduardo Brazão que se representasse o segundo acto do «Hamlet» fazendo Ilda Stichini o papel de «Ophelia» e aquele artista o do protagonista.

—No Politeama realiza-se esta noite mais uma representação extraordinaria com a peça «Filha de Lazaro».

—A actriz Beatriz Ablar, que se encontrava afastada de scena ha cêrca de dois anos, acaba de ser contratada pelo empresario José Loureiro, para a companhia de revista que vai explorar o teatro Avenida, com a «reprise» da «Bichinha gata».

Aquela artista reaparecerá no novo quadro que estão preparando os autores da mesma revista.

—Está marcada para sexta fóira, no Politeama, a primeira representação da comedia em 3 actos «Ordem de marcha», interpretrada pelos principais artistas da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. A enscenação é de Augusto de Lacerda.

—A companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar vai dar uma curta série de espectaculos no teatro Apolo, na segunda quinzena do mês corrente. A peça de estreia será «A Garra», de Bernstein, tradução de Avelino de Almeida.

—Consta que logo que regresse a actriz Adelina Abranches da «tournée» que a companhia a que pertence, vai fazer pela provincia a peça «O lodo» subirá novamente á scena.

—A peça em 3 actos «Mar Alto», original de Antonio Ferro, que a companhia Lucilia Simões vai representar, muito brevemente, em S. Carlos, tem a seguinte distribuição:

«Magdalena», Lucilia Simões; «Luis», Erico Braga; «Henrique», Mario Santos; «José», Maria Cristina.

—Palmira Bastos, que ontem reapareceu ao publico de Lisboa interpretando o papel principal da peça «A Chama» deve fazer a seguir as peças «Marionettes», «Sol de Abril» e «Dama das Camelias».

—O guarda-roupa da revista «Fado Corrido», que depois de ámanhã se representa pela primeira vez no teatro Maria Vitoria é inteiramente novo e foi executado pela Empreza Materiais de Teatro segundo figurinos do distinto desenhador e scenografo Baltazar Rodrigues. A revista rerá exibida em sessões, excepto na primeira recita, em que se realisará um unico espectaculo que principia ás 21,30.

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21,15 — «A Magda».
Nacional — Ás 21 — «A Viuva Gomes».
S. Luis — Não ha espectaculo.
Politeama — Ás 21 — «Filha de Lazaro».
Avenida — A's 21 — «A Chama».
Apolo — A's 21 — «Má sina» e «Saudade».
Eden-Teatro — A's 20,30 e 22,30 — «Caldo Verde».
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente — Aos domingos, segundas e quintas — A's 21, a opereta «Flory».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

MEYERS

Solarine

PUTZ-CREAM

PUTZ-CREAM

O GENUINO PRODUTO ALEMÃO

O melhor e mais economico liquido para limpar metais

Unicos representantes e depositarios em Portugal

H. GROTHKOP L.DA

R. Arco do Bandeira, 79 2.º

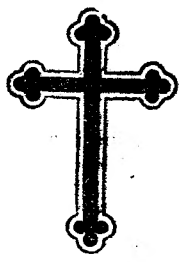
LISBOA

TELEFONE C. 55

Não peçam qualquer refresco antes de provar a carapinhada de cacau

S. I. C.

A' venda em todas as confeitarias e leitarias.



Eustaquio Augusto Canongia

FALECEU

Emilia Telhado Canongia, Julio Canongia, esposa e filhos, Alvaro Canongia e esposa, Albertina Canongia Waddington e esposo, Maria Canongia Macieira, esposo e filhos, Francisca d'Oliveira Telhado, Elisa Matos Telhado e filhos, Pedro d'Oliveira Telhado, esposa, filhos e noras participam a todos os seus parentes, amigos e pessoas das suas relações o **falecimento do seu querido marido**, pai, avô, sogro cunhado e que o seu funeral se realisa ámanhã pelas 13 horas saindo o prestito funebre da rua Luz Soriano, 5, 1.º para o cemiterio do Alto de S. João.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima--Estatutos de 30 de Novembro de 1894

2.º aditamento á tarifa especial interna n.º 5—Grande velocidade

O preço dos «suplementos» a cobrar pela ocupação de cada lugar nas carruagens-camas da Companhia Internacional dos «Wagons-Lits», circulando entre Lisboa e Porto atreladas aos comboios correios n.os 8 e 15, é o seguinte:

Lisboa-R a Porto ou vice-versa..... 40$00

A importancia deste «suplemento» está cativa do imposta de selo de recibo mas isenta de qualque sobretaxa adicional.

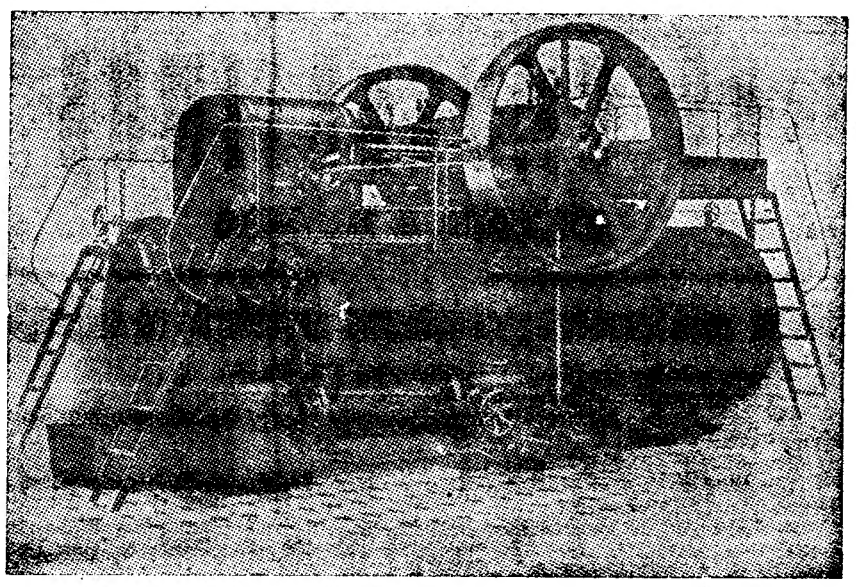
Lisboa, 22 de Junho de 1923.

O Director Geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

Sede em Lisboa
Rua da Boa Vista, 43
Telefone C. 3971

Filial no Porto
Rua das Carmelitas, 40



Representantes para Portugal de locomoveis e semi-fixas LANZ

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

Telefone C. 3031

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA

End. Tel. «SOURA»

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Geral

Fernandes, Almeida & C.a, L.da

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

Caminhos de Ferro Portugueses

Oficinas Gerais

Admissão de carpinteiros

Admitem-se carpinteiros para serviço permanente nas oficinas desta Companhia.

Para tratar no edificio dos escritorios das Oficinas Gerais em Santa Apolonia.

Lisboa, 28 de Junho de 1923.

O Director Geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*

Vinho Colares

V. S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, é o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem

Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro

Pedidos a D. J. Silva L.tda

Rua Rodrigues Sampaio, 15

Telefone n.º 1711

Caldas da Felgueira (Beira Alta)

As melhores aguas na cura da bronquite, cansaços do coração, pele, flebites, arteritismo e gôta.

Abertura 1.º de Junho e informações ao gerente do

Grande Hotel Club

GEREZ

Hotel do Parque

Recomendado pela Propaganda de Portugal

ABRIU NO DIA 25 DE MAIO

Um dos melhores hoteis das termas do paiz. Aposentos luxuosamente mobilados e com água corrente. Luz electrica em todos os quartos, salas e dependencias. Modelar serviço de cozinha com e sem dieta.

Luxuosa e confortavel camionete para condução de passageiros, saindo de Braga para o Gerez ás 3 horas da tarde. Pedidos de reserva de logares a João Ferreira de Carvalho, empregado do escritorio, Hotel Anselmo, Braga.

Correspondencia á proprietaria, Viuva de Vicente Paulino da Silveira, Gerez.

Informações em Lisboa, Rua Luciano Cordeiro, 98, r/c.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA DOS SRS. ACCIONISTAS

2.ª convocação

Não se tendo reunido capital suficiente para se realizar a reunião da Assembleia Geral Ordinaria convocada para hoje, 30 de Junho, em harmonia com o art. 34.º dos Estatutos, são novamente convocados os srs. Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinaria, no dia 17 de Julho proximo, pelas 15 horas, na séde desta Companhia, estação do Rocio. Nos termos do citado art. dos Estatutos e do art. 184.º do Codigo Comercial esta Assembleia Ordinaria poderá constituir-se e deliberar validamente qualquer que seja o numero de Accionistas presentes ou representados, bem como qualquer que seja o quantitativo do capital representado.

A ordem do dia para esta Assembleia é a mesma que tinha sido originariamente indicada para a 1.ª convocação, isto é:

ORDEM DO DIA

1.º Conhecer das contas respectivas ao exercicio de 1922, do relatorio do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal e votação sobre essas contas.

2.º Apreciar quaisquer propostas dos srs. accionistas, apresentadas segundo a parte final do art. 38.º dos estatutos.

3.º Eleger um vogal do Conselho de Administração, nos termos do art. 13.º dos mesmos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo.

4.º Eleger dois vogais do Conselho Fiscal, nos termos do art. 24.º dos ditos Estatutos, podendo haver reeleição segundo o referido artigo.

5.º Eleger o presidente e o vice-presidente da mesa da assembleia geral, que tem de funcionar no respectivo triennio, nos termos do art. 35.º dos estatutos.

Os documentos legais estão patentes na Contabilidade Central da Companhia.

Os bilhetes de admissão á Assembleia Geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das Acções averbadas ou dos recibos dos depositos das Acções ao portador.

Lisboa, 30 de Maio de 1923.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Francisco José Fernandes Costa

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Horario dos comboios

3.º Aditamento ao Cartaz-horario D. 161

A partir de 5 do corrente o comboio n.º 17, que actualmente tem o seu «terminus» em Porto-S. Bento, passa a efectuar-se unicamente até Vila Nova de Gaia, devendo os passageiros que se destinam a Campanhã ou Porto-S. Bento seguir de Vila Nova de Gaia a destino pelo comboio tramway n.º 1513.

Lisboa, 2 de Julho de 1923.

Pelo Director Geral da Companhia
O Engenheiro Chefe da Exploração
Lima Henriques

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

AS REPARAÇÕES

A carta do Papa foi mal interpretada afirmou o cardeal Dubois

PARIS, 3

Respondendo á pregunta de um deputado catolico, o cardeal Lublis, arcebispo de Paris, diz na sua carta que a carta pontifical foi mal interpretada. O Papa atribue a ausencia da paz e da reconciliação á falta de boa vontade da Alemanha e proclama que a exigencia dos vencedores em obterem garantias é justa. O cardeal Dubois, abstendo-se de criticar esta operação, admite, no entanto, a legitmidade do relatorio do deputado Eymond sobre o orçamento das despezas recuperaveis. Constata na sua carta, que a França gastou por conta da Alemanha, até 31 de Dezembro de 1922 as despezas recuperaveis, previstas no orçamento de 1923, que elevam a 13 milhões e meio. Até ao fim de 1923 a França terá aplicado aos prejuizos que teve com a guerra 111 biliões e 255 milhões. — H.)

A França

acupou mais três distritos

BERLIM, 3

As tropas francesas ocuparam agora os distritos de Schwerte, Westhofen e Hagen.

Grande parte das fabricas Krupp incluindo as oficinas de fundição, de trabalhos electricos e de construção de locomotivas estão ocupadas pelos soldados franceses. Grande numero de operarios estão impedidos de trabalhar nas suas oficinas. Tambem os operarios de Francfort que residem nos territorios ocupados não pódem ir trabalhar porque as autoridades francesas ordenaram a suspensão de todos os meios de comunicação — (R.)

Os atentados

contra o comboio de Duisburg

PARIS, 3

Em consequencia dos recentes atentados contra o comboio de Duisburg, no ultimo dos quais encontraram a morte dez soldados belgas e ficaram quarenta feridos, as autoridades belgas de ocupação suspenderam o transito do habitantes nos comboios da região ocupada e junto das linhas ferreas, prendendo alguns que, como refens, serão transportados nos comboios militares.

Em Dusseldorf foi novamente sabotada a linha, causando o descarrilamento de vinte e três vagons, ficando seriamente avariada a linha e interrompido a trafico. — (E.)

CONVEM SABER PARA VOSSO INTERESSE que o **Deposito da Covilhã**, tem oficinas de alfaiataria para exclusivamente servir a sua numerosa clientela, e por preços excecionais, tomando a responsabilidade pela «boa confecção e aprimorado acabamento». Continua a vender excelentes casimiras de estambre para homem e senhora, e lãs em fio para malhas, **ao preço da fabrica. Mandam amostras ao domicilio.**

ROCIO. 93, 2.º andar (tem elevador).

FILIAL, rua do Ouro, 206, 1.º esquina da rua da Assunção, entrada LOJA DA AMERICA.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO. 140

NOVAS DE LONDRES

OS ALIADOS vão reconstituir uma frente unica?

As negociações devem fazer-se rapidamente

LONDRES, 3.—Supõe-se, embora isso não esteja confirmado, que a replica francesa ao questionario inglês que foi enviado a Paris, chegará ao ministerio dos Negocios Estrangeiros ainda esta semana. Noticias de Paris indicam a possibilidade da replica ser feita na fórma dum Aide-Memoire.

O fim do governo britanico enviando aquele questionario á França, foi preparar terreno para se reconstituir uma frente unica dos aliados, que replicaria ás novas propostas alemãs. Por outro lado a situação da Alemanha, devido á ocupação da região do Ruhr, causa grande ansiedade entre o publico inglês e todos os jornais que significam a urgente necessidade de se acelerarem as negociações.

As ultimas conversações havidas entre o sr. Poincaré e lord Crewe revestiram um tom absolutamente amigavel.—(R.)

As relações

entre a França e a Inglaterra

LONDRES, 3. — A imprensa inglesa diz que as relações amigaveis entre a França e a Inglaterra estão dependentes dos acontecimentos desta semana e que nela o governo inglês se vai esforçar por chegar a resoluções decisivas.

Alguns jornais criticam a resolução da França de não permitir que conforme foi solicitado por Lord Robert Cecil á questão do Sarre seja uma questão que possa ser publicamente discutida e tratada pela Sociedade das Nações. — (R.)

A crise

do comercio inglês

LONDRES, 3. — Alguns jornais mostram que o comercio inglês atravessa uma grave crise, havendo uma descida constante dos preços de venda desde abril proximo passado. O «Times» diz que a situação comercial é tão obscura que os homens de negocio estão anciosos para que se regularise a situação politica sem o que não pode haver segurança nos negocios. E' necessario resolver o problema das reparações para que volte a confiança aos meios comerciaes. — (R.).

O casamento

do principe herdeiro da Suecia

LONDRES, 3.—A noticia do proximo casamento do principe herdeiro da Suecia com lady Luisa Mountbatten foi recebida com geral agrado. A noiva é segunda filha do marquês de Nailfordhaven que era anteriormente conhecido sob o nome de principe Luis Mountbatten e é portanto prima em 2.º grau do rei Jorge. A irmã de lady Luisa está casada com o principe André da Grecia e o seu irmão mais novo casou o ano passado com miss Edwine Ashleque herdou uma grande fortuna do seu bisavô sir Ernest Cassel. Os jornais dizem que este casamento apertará os laços existentes entre a casa real inglesa e a casa real sueca, e lembram que a primeira esposa do principe que faleceu em Maio de 1920 era a princesa Margarida de Connaughp. O «Daily Telegraph» diz que entre as duas nações ha muitos laços de mutuo interesse no que diz respeito á politica naval, economica e financeira.—(R.).

COUPONS

da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA, BRAZILEIROS, ARGENTINOS, CHILENOS, etc., etc.

VENCIDOS E A VENCER

COMPRA

PANCADA, MORAES & C.ª — R. Augusta, 37 (esquina R. S. Julião)

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção—C. 3194 / Administração—C. 3195

PELA RUSSIA

Trotsky declarou que os "soviets" vão possuir 10.000 aviões

VARSOVIA, 3

Despertaram extraordinario interesse os relatos da «Gazeta Poranna» de Lwow sobre o estado e reorganização do exercito russo.

Conquanto tenha diminuido de numero, tendo agora apnas 700.000 e no fim do ano corrente terá apenas 600.000, a tecnica e a disciplina tem-se aperfeiçoado e continua a aprefeiçoar-se.

Os «soviets» fazem tambem grandes esforços para constituir uma poderosa esquadra aerea. Trotsky declarou num dos seus discursos marciais que nos fins de 1924 a Russia teria 10.000 aviões. Se bem que isto seja exagerado, o que é fóra de duvida é que nas oficinas russas se trabalha afanosamente. Nas fabricas russas de aeroplanos, que são já cinco, trabalham engenheiros alemães e os pilotos são sobretudo recrutados entre os oficiais do antigo exercito alemão.

A educação

do espirito militar

Entre as intituições sovieticas melhor organisadas encontram-se incontestavelmente as escolas militares, dotadas de excelente material. O fim destas escolas é a preparação dos chefes militares que sejam ao mesmo tempo, homens politicamente seguros e devotados á causa sovietica. A' frente de cada escola encontra-se um homem da confiança do governo que vela, não sómente pelos alunos, mas tambem sobre o pessoal docente. Os oficiais recuperaram ultimamente todos os direitos do tempo do Czar. Quanto aos soldados, encontram-se em Moscow e Petrogrado em optimas condições, mas nas restantes cidades vivem em pessimas condições de higiene e de alimentação. Não é sem certos receios que na Polonia se encara a reorganisação militar da Russia com ambições de se alargar para o Ocidente, tendo o apoio tecnico e politico da Alemanha, o seu segundo inimigo secular. — (R.)

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS ÁS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO 74

DFS

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

Q.e quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO — DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da

Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

NO TEATRO POLITEAMA

O original

de Alfredo Cortez

ontem representado

na festa da "Casa Gil Vicente"

(*Continuação da 4.ª pagina*)

ender que a velha Domingas Capeloa, que oferece á filha o baraço para dependurar a irmã que ela matou, não o faz nem por amor, nem por sacrificio, nem por renuncia. Não gagueja uma intenção. Porquê? Porque o sr. Cortez não pensa o que escreve e escreve o que não sabe. A luz apaga-se como num animatografo da Mouraria, e como a escuridão aterra os meninos de dez anos, o autor tem que recorrer a ela, o que é contrario ao teatro moderno para dar o *frisson* que a palavra ou a situação das figuras não exprime, nem o crime ridiculo comporta. Admite-se na scena moderna, o aparecimento de espectros, os terramotos, enforcamentos? Não, porque é facil apresentá-los, de modo a ferir a corda sensivel do publico e falseando a vida. A existencia dum homem é o combate entre elé e o instinto. Essa luta é o germen de todo o teatro e de toda a literatura. O resto, o que fez o sr. Cortez, é a emoção pataqueira e patoqueira dum maninelo de circo. E' um truc bariolado e velho de bastidores que não tem logica e dá á peça apenas a vaga aparencia dum caixote do lixo contendo intestinos de estopa dos dois bonecos enforcados em scena como carneiros em açougue.

Tem a peça intenções? Nenhumas! O que devia fazer, pois, o sr. Cortez?

Naquele ambiente, perdão, local, uma grande peça, cheia de rasgos, de concepções, em que a vida chocasse a dôr, a grandesa fosse um emblema, em que as almas vindas da lama, ainda com lama, fossem grandes, no amor ou no odio... Não é um assunto, porque a peça não o tem e dificilmente a critica o quer comentar, fazendo do nada, forma, que é condenavel. O que é condenavel é a inferioridade do autor, a sua carencia de concepção, a sua falta de imaginativa, a sua ausencia de ressurreição de tipos. Cartão *pierre* e não carne e sangue, é de que eles são feitos. Fremem, palpitam? Não! Balbuciam, balbuciam, sem expremir uma emoção, sem se definirem, artefactos dum autor, que julga prender nos seus dedos infirmes, a presa sangrenta, esvurmante de coleras, da vida.

A interpretação do *Lodo*, pela inteligencia com que Adelina Abranches cobriu a fragilidade do seu papel, pela realidade que ela lhe deu, tornando mimica, o gaguejamento e a obnubilação cerebral de Domingas Capeloa, fez dela a verdadeira autora do *Lodo*. Incendiou-se em genio, e duma farça de *marionettes*, ela tentou fazer uma peça. Pelo seu esforço, o publico aplaudiu-a. A sr.ª D. Amelia Rey Colaço, sem compreender o papel, o que é para ela um titulo de honra, teve no primeiro acto, por instinto, um belo trabalho. Manuel Facão, figura que o autor errou, dando-lhe uns ares de carniceiro, foi bem compreendido por Robles Monteiro, exactamente como o autor o dá nas rubricas.

O sr. Alfredo Cortez, no final dos actos, teve uns belos passes de toureiro, que o publico aplaudiu como devia.

Artur Portela

PORTUGAL-ESPANHA

AFONSO XIII

DESEJA UMA APROXIMAÇÃO INTIMA DOS DOIS PAISES

Fala-nos o ministro da Instrução

JOÃO CAMOEZAS

O sr. ministro da Instrução regressou satisfeito da sua viagem a Espanha.

Na face sempre risonha do dr. João Camoezas lê o jornalista, logo que o fita, uma alegria invulgar, feita de aspirações honestas que completamente se realisaram.

O ministro não póde — por muito que a sua modestia o deseje — disfarçar o contentamento que lhe vai na alma. E' portanto, sem disfarces hipocritas que se não dão bem com o seu caracter, que ele responde á primeira pregunta do rabiscador de gazetas:

—São optimas as impressões pessoais que trago da nação vizinha. A Espanha é um adoravel paiz e os espanhois acolheram-nos com uma franqueza devéras comovedora. Deram-nos provas sãs de simpatia absoluta; cumularam-nos de gentilezas; trataram-nos, em suma, como a irmãos muito queridos.

—Quere dizer-me, sr. ministro, o que pensa a Espanha da politica portuguesa?

—Falei com as personalidades mais gradas do meio politico e do meio intelectual espanhol e colhi esta conclusão consoladora: os que dirigem os destinos da nação irmã dedicam aos portugueses uma amisade sólida e indestructivel.

—O que diz a Espanha monarquica do Portugal republicano?

—A nossa Republica está prestigiada em Espanha. Todos a aceitam como um regimen indiscutivel e a consideram fortemente enraizada no coração e no espirito dos portugueses. A proposito vou contar-lhe duas frases interessantes proferidas pelo bispo de Salamanca Disse-me elé: «As formulas de governo são coisas correntes e transitorias». E a seguir, aludindo á queda da monarquia em Portugal, acrescentou: «Tenho a certeza de que o regimen legal em que vivia o catolicismo na sua terra, contribuiu muitissmo para abreviar «a catastrofe».

—Em materia de intercambio intelectual alguma coisa resultou de proveitoso para nós da viagem a Espanha?

—Sm. Ficou assente, por exemplo, que serão admitidos alunos portugueses nas escolas especiais de ensino tecnico. Não sei se sabe que á frequencia dessas escolas apenas póde aspirar um reduzido numero de alunos. São regidas por professores estrangeiros especialisados, que a Espanha contracta a peso de ouro.

—Uma regalia importante.

—Ficou tambem assente o inter-cambio de professores em determinados ramos de ensino. E resolveu-se que todos os estudos sobre a peninsula iberica sejam realisados em conjuncto, segundo um plano a elaborar, por espanhois e portugueses.

—V. Ex.ª verificou, então, que a Espanha nos admira com sinceridade?

—Com uma sinceridade que não admite o mais tenue veu de duvida. Fomos recebidos, como já lhe disse, com muito carinho. Tanto no Congrsso como em todos os banquetes e reuniões nos conferiram os primeiros logares de honra. Amimáram-nos. Foram quasi excessivamente amaveis. Demonstraram que nos queriam verdadeiramente. Ora todas essas demonstrações de estima iniludivel, não as tomámos nós como dirigidas ás nossas modestas pessoas. Eram para Portugal — para o Portugal que a Espanha admira muitissimo mais do que alguns portugueses scepticos supõem.

O sr. ministro da Instrução refere-nos de seguida um episodio captivante da população de Bejar. No nosso paiz e principalmente em Lisboa, existem muitos espanhois naturais daquela vila, que em Portugal fazem vida comercial e em Portugal casaram. Sabendo-o, os excursionistas portugueses foram vizitar Bejar. Receberam-nos com enorme entusiasmo. E uma grande comissão de habitantes pediu-lhes que transmitissem aos seus patricios votos de prosperidade, e lhes comunicassem a alegria que tinham sentido, recebendo portugueses na sua terra. E houve abraços, sobre abraços, e vivas sentidos a Espanha e a Portugal.

Restava ao jornalista preguntar ao dr. João Camoezas, republicano dos antigos, a impressão que lhe causára o monarca espanhol.

A resposta foi rapida e dita com admiração:

—Afonso XIII é um habilissimo politico, um diplomata de raros dotes e uma pessoa de delicadeza e simplicidade captivantes. Cinco minutos depois de conversar com o monarca espanhol já quasi acreditava que o conhecia pessoalmente ha muitos anos. Sabe como poucos ser politico. Admira os adversarios, distingue-os especialmente, envolve-os na teia das suas maneiras finas, chama-os a si. Convence-se quem o observa de perto de que para elé não ha monarquia nem republica: ha simplesmente Espanha. No banquete de Salamanca fez sentar á sua direita o alcaide, que é republicano, tendo para ele todas as deferencias.

—O monarca falou a V. Ex.ª de Portugal?

—Manifestou em todas as suas palavras a vontade dominadora de que se realisasse, entre Portugal e Espanha, uma aproximação intima intelectual e material moldada nos interesses e nas aspirações dos dois paizes vizinhos que devem trabalhar unidos, sem se preocuparem com a diferença das suas formulas politicas, para se engrandecerem.

A TARDE PARLAMENTAR

Uma sessão

semi-familiar

Minutos de sono

e momentos de bom humor

Quando nós chegámos hoje, estava o sr. dr. Pedro Pita a requerer que a ordem do dia fosse dividida em duas partes. Tinha-se feito a chamada; e tinha-se lido a acta; e tinha-se lido o expediente; tal qual como soe fazer-se nos outros dias, porque a sessão prorogada tivera já o seu fecho ao romper da manhã.

O sr. Almeida Ribeiro, que embicou com o requerimento, ergueu-se da poltrona e pediu que lhe puzessem para ali as razões da pretensão.

O sr. Sá Cardoso explicou, e ouviu se uma voz a dizer assim, sem que se percebesse porquê:

— Oh! Nunca mais! Em tempo algum!

O «leader» democratico refilou com a explicação; entendeu que a razão posta não era uma razão, e acrescentou á laia de argumento final:

— Acontece uma vez ou outra; mas não é uma coisa rara.

O sr. Pedro Pita a desempatar:

— Dá-me licença, sr. presidente?

— Diga v. ex.ª.

— E' melhor pôr o requerimeuto á votação.

O sr. presidente achou bem; o requerimento, posto á votação, foi aprovado; o sr. Almeida Ribeiro, para ir até ao fim, requereu contra prova que confirmou a prova primeira; e... passou-se adeante.

Está em discussão! — Poz agora o sr. Sá Cardoso, dando a palavra ao sr. Baltazar Teixeira para lêr um papel cujos dizeres pareciam nunca mais ter fim.

— O que é? O que é?

— São emendas do Senado aos varios orçamentos. Os srs. deputados que aprovam têm a bondade de se levantar. Ninguem se levanta, ninguem se senta e ninguem sabe, sequer, do que se trata.

Ninguem? Não é bem assim. Há cinco parlamentares que vigiam a votação, na mesa, atraz mesmo do secretario lêdor. São os monarquicos? Morais de Carvalho, Carvalho da Silva, o independente sr. Torres Garcia, o democratico sr. Adolfo Coutinho, e o nacionalista sr. Lucio Martins.

E a presidencia com o ramerrão:

— Ninguem pede a palavra vai votar-se. Os srs deputados que aprovam... Está aprovado... Capitulo tal, artigo tal... está em discussão!

A sessão começou ás 15 horas. São 16,30. Está-se nisto há uma hora bem puxada.

16-40. Agora ninguem faz coisa nenhuma O sr. Baltazar Teixeira parou de ler; o sr. Sá Cardoso parou de regular votações; e... ficou toda a gente á espera, não se sabe de quê.

Uma campainhada, após uns minutos de paralisação, e este aviso da presidencia:

— Não ha na mesa mais nenhum parecer para ser votado.

Grande confusão na sala. Todos teem pareceres que os interessam. Saca-se da papelada e toda a pressa como quem diz — «aproveitemos a maré» —; cai pela escada abaixo o palhinhas do sr. padre Liberal; o sr. Francisco Cruz, cançado de secretariar, grita para alguem:

— Oh menino Ornelas. Vê lá se te avias...

O sr. João Ornelas despede-se com pena do resto do cigarro, e avança para o secretaria.

O sr. Bartolomeu Severino corre, a toda a pressa, para a mesa com um livro na mão. E' um parecer. Vota-se, aprova-se e passa-se adiante.

Viajantes

A bordo do «Ruy Barbosa», parte no dia 16 para o Brasil onde tenciona realisar uma série de conferencias, o moço escritor José Osorio de Oliveira.

Marinha de guerra

Chegaram já ao nosso porto o aviso «Cinco de Outubro» e o «destroyer Tejo» e deve entrar antes do anoitecer o cruzador «Republica».

MALA PERDIDA

O sr. Raul J. Branco, largo do Terreiro do Trigo, n.º 11, perdeu hoje, ás 3 horas da tarde, num electrico da carreira Praça do Brasil-Alecrim, desde a rua Augusta até ao largo das Duas Igrejas, uma pasta de cobrador, com 2.300$00 em dinheiro, varios documentos que só a ele interessam e recibos por ele assinados, de valor superior a 4 contos. Pede aos seus clientes para não satisfazerem qualquer recibo seu, a não ser a s proprio.

Doenças da boca e dos maxilares

Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires

R. Jardim do Regedor, 51, L.º

LANIFICIOS

VIRGILIO ARRAIANO

COVILHA

Vendas directamente ao consumidor de fazendas para fatos de homem ou senhora

PEDIR AMOSTRAS

LEI DO INQUILINATO

O antigo e acreditado escritorio de advocacia e procuradoria, situado na R. Garrett, 80, 2.º, mudou-se para a **Rua da Vitoria, 53, 3.º**, onde todos os assuntos de inquilinato, divorcios, inventarios, questões comerciais, etc., etc., continuarão sendo tratados com toda a seriedade, rapidez e economia, encarregando-se tambem de receber, pagar ou depositar rendas.